

Governo investiga o ataque aos bororos

Da Sucursal de BRASÍLIA, do correspondente e do enviado especial

Face aos conflitos que redundaram na morte do padre Rodolfo Lunbenkein e no ferimento de cinco índios, quatro em estado grave, em Barra do Garça, Mato Grosso, o ministro Armando Falcão determinou ontem ao Departamento de Polícia Federal a abertura de inquérito para apurar os fatos.

Setenta jagunços armados e comandados pelo fazendeiro João Marques de Oliveira, o "João Mineiro", atacaram na quinta-feira a colônia salesiana de Merurê, na região leste daquele estado, matando o religioso alemão e ferindo os índios. Há indícios de que os fazendeiros estavam revoltados com o início dos trabalhos de demarcação da área dos bororós, e viram no padre Rodolfo um dos responsáveis pela questão.

A grande preocupação manifestada ontem pelos técnicos da Funai é de que o ataque gere uma crise de violência em toda a área circunvizinha a Merure, onde vivem mais de 1000 índios xavantes atendidos pelas missões salesianas de Sangradouro e de São Marcos.

No passado, os xavantes eram inimigos dos bororos, tendo ocorrido vários incidentes entre eles, especialmente em questões de terras. Nos últimos anos, no entanto, estes índios se uniram para combater a invasão de suas áreas. A reserva indígena de São Marcos limita-se com a propriedade do fazendeiro "João Mineiro".

"A esta altura — comentava ontem um técnico da Funai — os xavantes já tiveram conhecimento da morte do padre e poderão, em represália, atacar a fazenda, matando o gado e incendiando as casas, como eles fizeram com os fazendeiros que anteriormente ocupavam a área xavante, transformada em reserva durante o governo Médici."

Motivados pelo exemplo dos xavantes, que em certa ocasião, para hostilizar os inva-

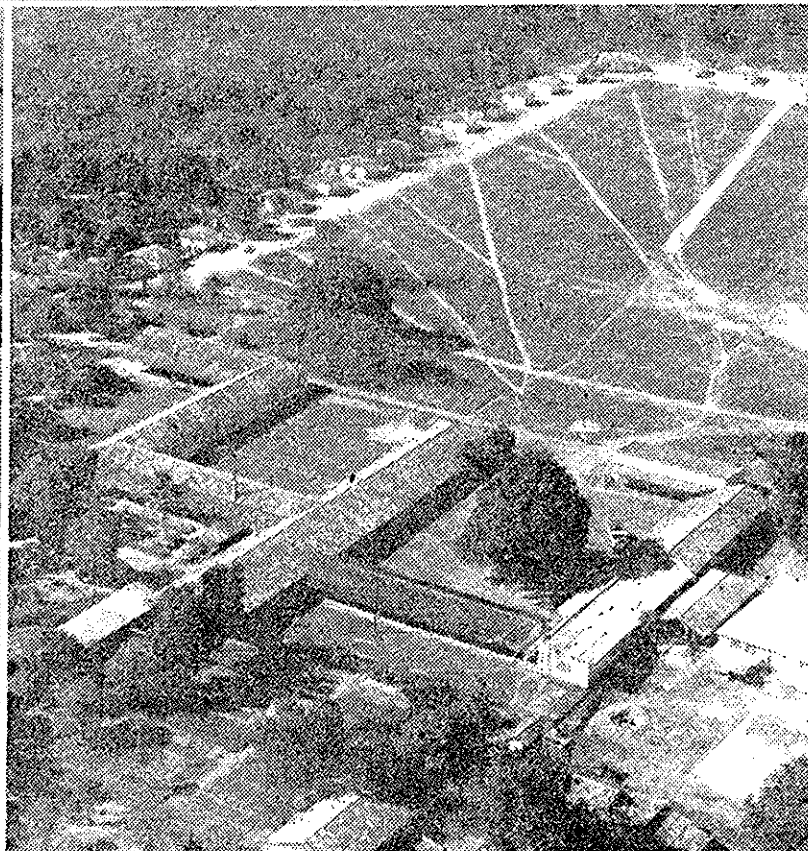
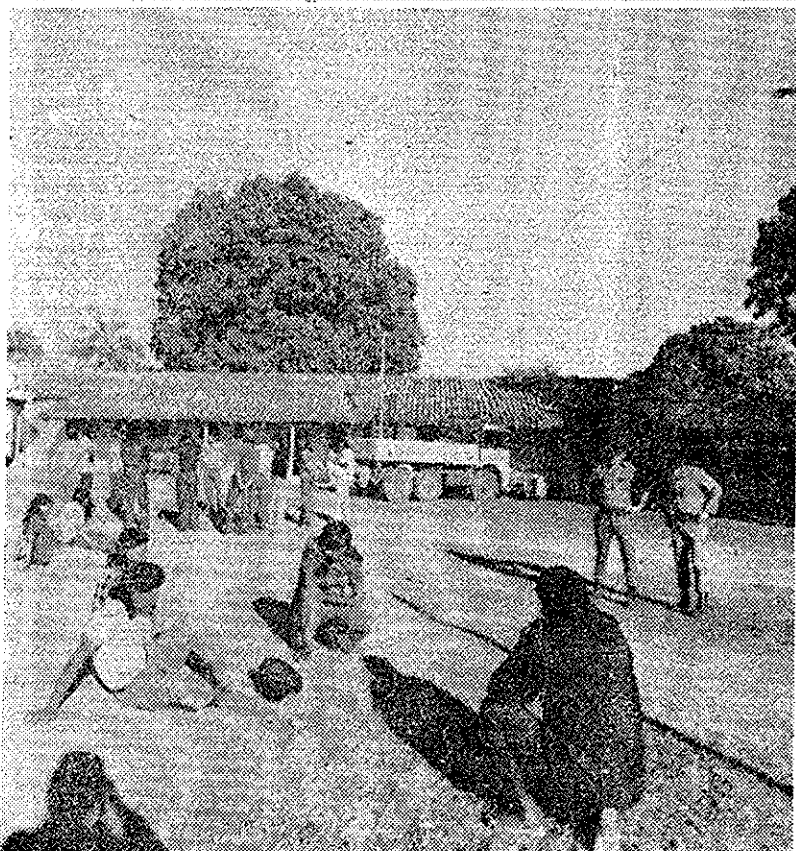
sores, chegaram a cobrar uma espécie de pedágio de todo civilizado que passava pela área indígena de São Marcos, os bororos começaram a se movimentar no sentido de buscar a liberação de suas terras. Encontros entre chefes bororos e xavantes, nos últimos anos, foram frequentes e em todos eles, ficou reafirmado que os índios lutariam juntos, caso houvesse qualquer problema mais sério com os fazendeiros.

Esta estreita ligação entre os grupos indígenas da área agora é a grande preocupação da Funai. No entanto, nenhuma medida foi tomada, para evitar uma represália dos xavantes.

A polícia militar de Mato Grosso já prendeu oito invasores da área indígena e persegue os demais. Com a chegada dos policiais, os índios abandonaram a perseguição aos posseiros, deixando a tarefa à polícia. Ontem o presidente da Funai, general Ismarth de Araujo, foi informado que o índio Simão Bororo, uma das vítimas do ataque, morreu durante a madrugada, enquanto outro índio, Lourenço Bororo, e a mãe de Simão eram transportados para Cuiabá, devido à gravidade dos ferimentos recebidos.

O padre Angelo Venturelli, que durante 19 anos — de 1951 a 1970 — teve vários contatos com as colônias indígenas de Mato Grosso, a cargo da missão salesiana, revela que os problemas de terra sempre existiram, mas nunca na intensidade que ocorre hoje, quando todos estão preocupados em tomar o pouco que o índio ainda tem. Ele lamenta que as autoridades estaduais e federais não tenham a preocupação necessária com a preservação dos índios "tão brasileiros como qualquer um de nós", e não vê muito futuro para os bororos.

— A menos que o governo se conscientize de seu valor, senão pela cultura, pelo menos como ser humano. Eles estão cada vez mais encurralados, oprimidos em suas áreas e não fosse a atuação dos salesianos, hoje nem mais existiriam.



A tensão continua entre os bororos, que pretendiam perseguir os posseiros, antes que a Polícia assumisse as buscas

O enterro será no ritual católico

A Missão Salesiana de Mato Grosso, em Campo Grande, informou ontem ao enterdecer que o corpo do padre Rodolfo será sepultado hoje, às 15 horas no cemitério da missão, na Colônia Salesiana de Meruri, de acordo com os rituais sagrados da Igreja Católica.

Durante todo o dia aguardou-se pronunciação do consulado alemão, em São Paulo, que manteve contato com os familiares que, por sua vez, autorizaram o sepultamento em Meruri, região pela qual ele deu a sua vida. Não haverá necessidade de traslado dos despojos de Rodolfo Lunbenkein para a

cidade de Dorisgtsdadt, próxima a Frankfurt.

A princípio, representantes da embaixada alemã em Brasília, entraram em contato com a Funai e manifestaram o desejo da família do padre Rodolfo Lunbenkein de que seu corpo, embalsamado, fosse transportado para a sua cidade natal, Dorisgtsdadt. No entanto, o presidente do Instituto Antropológico do Brasil, Padre José Vicente Cesar, que é muito ligado ao grupo Bororo, achava que dificilmente os índios cederiam os restos mortais do missionário que, segundo seus legítimos costumes, tinha sido incorporado à tribo.

O ritual previsto para o caso de enterro do padre é mais ou menos assim: seu corpo será levado pelos homens, se possível na cabana central da nova aldeia, 12 quilômetros ao norte de Meruri, e depois envolvido numa grande esteira de palha. Durante todo o dia haverá cantos fúnebres e danças apropriadas junto ao morto. Somente ao pôr do sol o corpo será levado para o centro da aldeia, ocasião em que as mulheres deverão desaparecer, escondendo-se nas choupanas ou, pelo menos, voltando as costas para a direção onde se desenrolará a cerimônia.

O corpo, em seguida, será

enterrado numa cova com apenas meio metro de profundidade e aí permanecerá durante 20 a 30 dias, e molhado de manhã e à tarde, medida que acelera o processo de putrefação. Num dia e hora determinados, que geralmente os bororós a nenhum branco estranho à tribo costumam revelar, desenterra-se o falecido, limpando-se os ossos da carne putrefata (os índios não mostram nenhum sinal de repugnância pelo mau cheiro), que é enterrado novamente. Os ossos são levados para a casa dos homens, na choça central onde durante três dias e três noites vão sendo, dentro de um prolongado e minucioso

ritual, enfeitados de penas penugens das mais diversas cores. O crânio recebe de sete a dez camadas coloridas, todas elas entremeadas de meia hora de cantos, os mais solenes da cultura bororo. Os textos são misteriosos, numa linguagem cujo sentido se perde na tradição dos antepassados.

O padre Vicente Cesar, que seguiria para Meruri na próxima segunda-feira, está tentando, junto à embaixada alemã, que a família do padre permita que seja feito o ritual e conversará com o bororós, para que os ossos, após a realização do funeral, sejam enviados à Alemanha.

Sacrifício vale como exemplo

"A missão salesiana espera que o sangue derramado em Meruri frutifique e sirva para se fazer justiça e nunca para aumentar o ódio", disse ontem o padre Walter Bini, chefe da inspetoria salesiana de Santo Afonso, em Campo Grande, ainda bastante abalado com o acontecimento da manhã de quinta-feira, quando 70 jagunços invadiram a colônia salesiana de Meruri, causando a morte do padre Rodolfo Lunbenkein e de um índio bororo, além de ferir outros quatro indígenas, dentre eles Tereza, mãe de Simão, o que morreu.

"Talvez a morte do padre Rodolfo seja a solução para tudo que ele tanto lutou em vida. Talvez agora as autoridades compreendam a situação e decidam resolver os problemas dos indígenas, que estão tendo suas terras invadidas. Temos a certeza de que, se isso acontecer, onde o padre Rodolfo estiver agora, se sentirá feliz pelos seus filhos bororós", assinalou o salesiano Walter Bini, lembrando que não só os salesianos, mas também os silvícolas, que sempre foram aliados do padre Rodolfo, estão abaladíssimos com o ataque. A missão, em si, está inconformada e lamenta profundamente a perda do missionário, apontando como um dos valores religiosos mais atuantes em favor da tribo dos bororós.

O padre João Zerbini, que regressou ontem de Meruri, para onde seguiu tão logo recebeu o primeiro comunicado, disse que o corpo do Padre Rodolfo e do índio Simão estavam embalsamados e sendo velados na capela da missão. Os indígenas já haviam dado início ao ritual específico, cantando para os dois mortos.

DEPUTADO

O deputado Walter Pereira de Oliveira, do MDB, disse ontem, em Campo Grande, que "a trágica invasão da colônia de Meruri, que culminou com o bárbaro assassinio do Padre Rodolfo e de dois índios bororós, é fruto de um processo terrorista armado por grandes fazendeiros para proteger e ampliar seus latifúndios, mediante o uso da força". Na opinião do parlamentar, a omissão do governador Garcia Neto e do secretário Aloysio Madeira Evora, constantemente alertados pela oposição, na Assembleia, sobre as invasões, também é responsável "banditismo que vem se tornando uma rotina, principalmente nas regiões norte e leste de Mato Grosso".

Os invasores esperam padre Rodolfo, para matá-lo

O repórter Oscar Ramos Gaspar, nosso correspondente em Cuiabá, viajou de avião e de jipe até a aldeia Merure, onde testemunhou o ataque dos posseiros aos índios bororos e testemunhou a revolta dos padres e dos índios. Eis seu relato:

O padre Rodolfo Lunbenkein saltou de seu velho jipe, acompanhado de dois índios, e cumprimentou o grupo de homens que ocupavam o centro da aldeia. Seu tom era amável, mas logo em seguida seu rosto começou a revelar preocupação.

Os homens — 62 posseiros que haviam chegado em sete veículos, pouco depois das 10 horas, à sede da missão salesiana de Merure — queriam que fossem suspensos imediatamente os trabalhos de demarcação da reserva dos bororos. Sua determinação de levar a cabo essa ideia, a qualquer custo, já tinha ficado clara para os que se encontravam na aldeia. Antes de ir à missão, eles se dirigiram ao local onde um topógrafo e alguns índios estavam realizando a demarcação, determinada pela Funai, e os prenderam.

Irmã Rita Bramarth, que trabalha há cinco anos em Merure, foi quem primeiro começou a se afligir. Ela viu chegarem os jagunços, chefiados por João Marques de Oliveira, o João Mineiro, e trazendo na camionete de outro dos invasores, até agora identificado apenas como Miguez, o topógrafo e os índios dominados.

Os posseiros desembarcaram e foram logo procurando o padre Rodolfo. Como ele não estava — quem recorda isto é irmã Rita — os invasores passaram a maltratar o padre Gonzalo Uchoa, puxando suas roupas e dizendo-lhes insultos.

Com a chegada do diretor da missão, os posseiros queriam que ele aceitasse a suspensão dos trabalhos de demarcação, que, segundo a decisão da Funai, dariam aos bororos uma área de 79 mil hectares. O padre Rodolfo respondeu que isso só poderia ser decidido pela Funai e começou a pedir os nomes de seus interlocutores, chegando a anotar alguns deles.

TIROTEIO

Em seguida, o missionário

entrou em seu escritório, mas voltou logo depois. Foi aí que João Mineiro, o líder dos posseiros, que já tinha embarcado em sua camionete, saltou da cabine e o agrediu. Imediatamente os índios que se encontravam no local — uns oito ou dez — entraram em defesa do diretor da missão.

Ouviu-se então, o primeiro tiro, que feriu o índio José Rodrigues. Quando o padre Rodolfo se voltava para ele, três outros disparos — que segundo as primeiras informações teriam sido feitos por Manoel Borges da Silva, o "Preto", já detido — o atingiram, matando-o quase instantaneamente.

Com o tiroteio, que ainda prosseguiu por alguns minutos, os bororos começaram a fugir. Quando irmã Rita percebeu que estava acontecendo, os posseiros também já corriam para seus carros, menos dois deles, que tentavam arrastar um corpo caído. Era o garoto Aloisio Bispo, de 16 anos, que participou do ataque com seu pai e irmãos, sendo atingido pelas balas dos próprios companheiros. Na pressa, o corpo

de Aloisio acabou sendo deixado ali mesmo.

"Foi tudo muito rápido — conta irmã Rita. Quando ouvi os tiros e saí, só vi gente no chão. O padre Rodolfo já estava agonizando". Um dos índios atingidos, José Rodrigues, foi visto pela mãe, Tereza, ao cair. Ela correu para socorrê-lo e levou também um tiro no peito. "A partir daquele momento — lembra irmã Pedrosa, que está há dez anos em Merure — a aldeia virou um flagelo. Todos corriam sem saber o que fazer".

Quando as religiosas se refizeram do primeiro impacto, puderam ver que a invasão deixara um saldo de dois mortos — o padre e o garoto Aloisio — e quatro feridos — os índios José Rodrigues, Tereza, Simão Cristino e Lourenço Rondon. O padre Uchoa correu então para o equipamento de comunicação e lançou um SOS para diversos postos da missão salesiana. A sede de Campo Grande, informada, começou a se movimentar imediatamente, mas seu vice-inspetor, padre João Zerbini, só conseguiu chegar a Merure três horas depois.

Chamado às pressas, o avião que desceu na aldeia — de prefixo PT-BAS —, já quase no início da noite, não tinha instrumentos de voo. Os feridos em estado mais grave — Lourenço Rondon e Simão Cristino — foram embarcados no aparelho, enquanto José Rodrigues, Tereza e Gabriel dos Santos seguiam no jipe, em busca de socorros médicos, juntamente com o corpo do padre Rodolfo.

VINGANÇA

No avião, Simão Cristino morreu cinco minutos após a decolagem, quando o sol já começava a desaparecer. A falta de instrumentos fez o comandante Carlindo perder a rota, indo pousar, já depois das 19 horas, na fazenda Cedro, a 120 quilômetros de Barra do Garças. Mas foi um acaso feliz: na fazenda estavam passando férias oito médicos, que socorreram Lourenço Rondon.

Para o comandante, era como o fim de um pesadelo. "Foi terrível — diria depois. Além de haver um morto no avião, ainda tínhamos perdido a rota". Depois, quando os médicos aplicavam curativos em

Lourenço, Carlindo descorbriu que "índio não chorava", pois ele não gemeu uma única vez. Duas horas depois, porém, ao chegar a Merure com o corpo de Simão Cristino, o comandante reformularia sua opinião: atingido por uma grande dor moral, o índio é capaz de chorar, como acontecia ali com centenas de homens, mulheres e crianças.

No lamento dos bororos, ouviam-se promessas de vingança. Pouco antes, oito deles, armados e com adornos de guerra, haviam saído para uma patrulha em toda a área da reserva, à procura dos posseiros.

"Se encontramos um branco em nossas terras, agora, vamos matar" — dizia o velho Romeu, de 70 anos. Ele se conteve durante algum tempo, mas, quando viu o corpo de Simão sendo retirado da camioneta, também começou a chorar. Dois outros bororos já abriam a sepultura de Simão, no humilde cemitério da aldeia.

Nem a notícia de que os outros feridos estavam fora de perigo serviu para aplacar o ódio dos bororos. E

trinta guerreiros xavantes, da aldeia de São Marcos, levados para Merure pelo padre Mario Gosso, para "manifestar solidariedade", estavam dispostos a ajudá-los na vingança. O vice-presidente do Conselho Indigenista Missionário, Thomás Aquino Lisboa, explicaria mais tarde que a presença dos xavantes ali era "muito natural, pois eles se sentem intimamente ligados ao problema da terra, porque também têm sofrido muito para defender seu patrimônio".

Na noite de quinta-feira, o padre Mário Gosso seria bastante explícito quanto ao sentido da solidariedade que pretendia levar aos bororos com a presença dos xavantes, dizendo que "a luta na defesa da terra é uma causa comum". Ele nunca teve dúvidas quanto à intransigência dos xavantes. "Caso acontecesse uma agressão destas contra eles — dizia — não sairia um branco vivo, pois os xavantes não vêem mais nada quando são injustiçados ou traídos."

A presença dos visitantes em Merure, de fato contri-

buiu para aumentar o clima de tensão. Calados e distantes, eles só falavam em sua língua, sem admitir a interferência de qualquer branco a não ser os missionários. A própria polícia determinou que nenhum deles acompanhasse os bororos na patrulha pelas linhas divisórias da reserva.

Essa busca dos posseiros era realizada pro toda a área, enquanto o corpo do padre Rodolfo era velado na capela da aldeia, seguindo o ritual bororo. Os colegas do missionário assassinado exaltavam sua ação. "Com ele — dizia o padre Mário Gosso — desaparece o maior defensor da Funai entre os religiosos."

Segundo o padre, o missionário assassinado sempre procurou a Funai em todos os incidentes entre os bororos e os brancos e vivia constantemente em Brasília, para tratar de assuntos do interesse desses índios. "Tanta confiança na Funai e at está o resultado" — desabafava. Caso a Funai tivesse tomado providências mais cedo, esse lamentável episódio não teria ocorrido.